

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 233-241

POSSÍVEIS PONTAS DE SETA CALCOLÍTICAS DE OSSO DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

A funcionalidade de alguns artefactos de osso pré-históricos, como em outras matérias-primas, nalguns casos jamais será seguramente conhecida.

Neste trabalho discutiremos um desses grupos de artefactos ósseos, cuja tipologia tem suscitado diversas interpretações funcionais, ao longo de mais de um século, na Arqueologia portuguesa. A sua justificação imediata reside no facto de, também em Leceia, se terem recolhido dois exemplares de tais artefactos (Fig. 1), no decurso das escavações que ali têm vindo a realizar-se, sob orientação do signatário, desde 1983.

2 – DESCRIÇÃO E PROVENIÊNCIA DAS PEÇAS

Exemplar n.º 1 (Fig. 2, A) – encontra-se totalmente polido, e é de secção circular maciça. É constituído por dois corpos cónicos, mais volumoso o superior, separados por carena bem marcada. A extremidade distal mostra sinais de uso por percussão. Recolhido em 1986, na Camada 2 (Calcolítico pleno), no lado externo do *Bastião G* (Fig. 1, n.º 1).

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

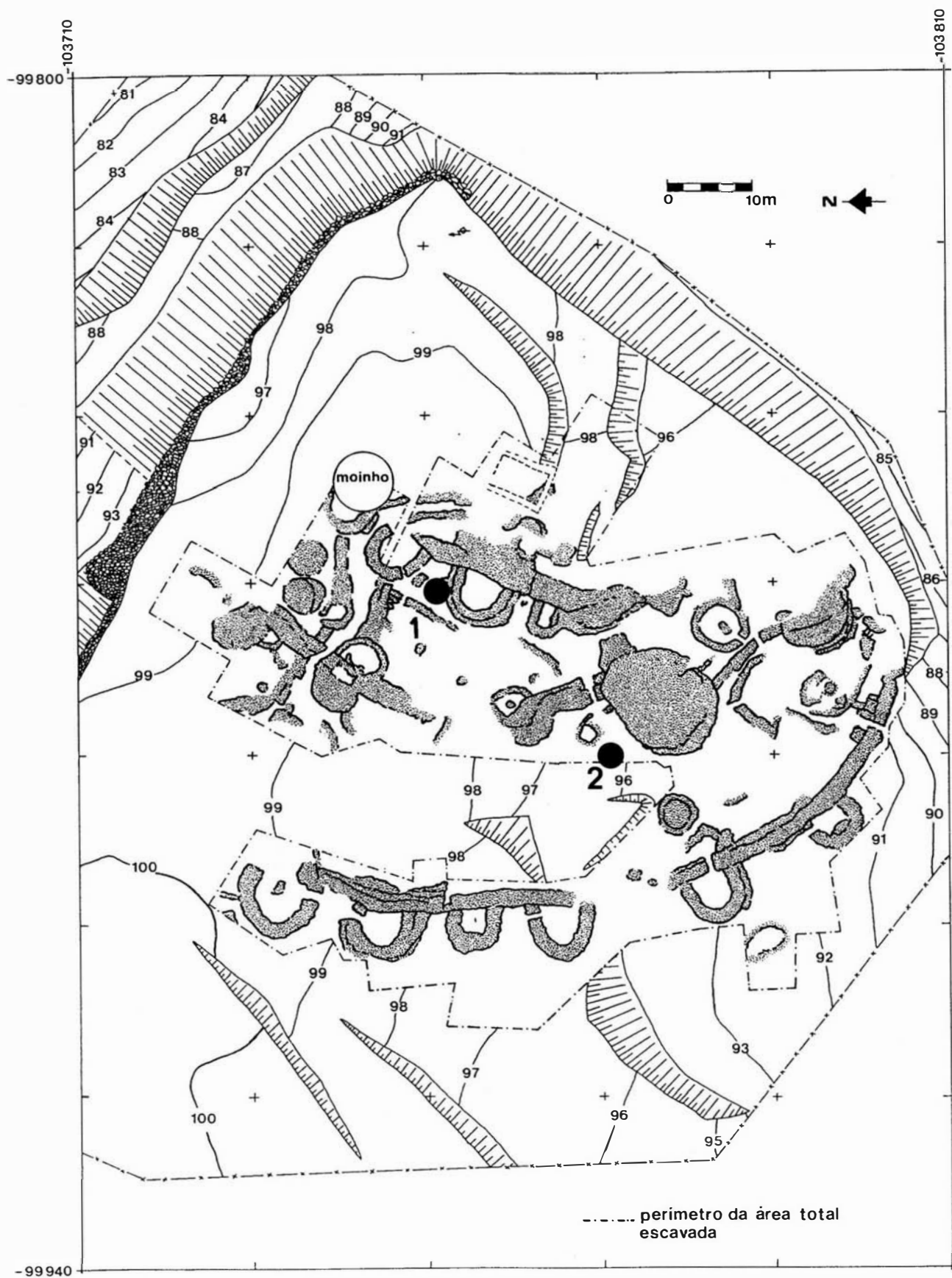


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização das peças estudadas.

Exemplar n.º 2 (Fig. 2, B) – idêntico ao anterior, mas de maiores dimensões. O corpo cónico superior é mais esbelto, possuindo perfil ligeiramente côncavo, sendo, tal como naquele, mais volumoso que o corpo inferior, fracturado logo abaixo da carena angulosa separadora de ambos. Extremidade distal apontada, por polimento, tendo em vista a obtenção de uma ponta robusta mas penetrante. Recolhido em 1993, na Camada 2 (Calcolítico pleno), do lado externo de MM1 (Fig. 1, n.º 2).

Das descrições apresentadas, pode concluir-se que os dois artefactos se caracterizam pelos seguintes elementos:

- corpo bicónico, constituindo o volume mais importante a parte superior da peça;
- extremidade distal com marcas de percussão, num exemplar; no outro, evidencia sinais de polimento, transformando-a em ponta robusta mas penetrante;
- existência de uma carena angulosa, na zona mesial das peças, separando o volume cónico superior do inferior; este pode ser designado como “espigão”.
- secção circular maciça, de ambos os corpos cónicos.

3 – COMPARAÇÕES

As duas peças de Leceia possuem escassos paralelos em estações arqueológicas portuguesas, não obstante aqui serem de há muito conhecidas. Até ao presente, identificaram-se nos seguintes locais:

3.1 – Povoados

Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – deste importante povoado calcolítico da Estremadura, publicaram-se três exemplares de artefactos análogos, todos eles incompletos (PAÇO & JALHAY, 1942, Fig. 20, n.º 20; PAÇO, 1960, Fig. 3, n.ºs 16 e 17). Peças reproduzidas em SPINDLER (1981, Abb. 34) e na Fig. 2 F, n.ºs 13 a 15.

Fórnea (Torres Vedras) – neste pequeno povoado calcolítico debruçado em um esporão sobre o vale do Alcabrichel – no que se aproxima singularmente da situação de Leceia – foram recolhidos cinco exemplares, todos idênticos aos de Leceia e, tal como estes, fragmentados (SPINDLER, 1981, Abb. 34) representados na Fig. 2 F, n.ºs 1 a 5.

Zambujal (Torres Vedras) – encontrou-se exemplar com falta do espigão (SANGMEISTER & SCHUBART, 1965), representado por SPINDLER (1981, Abb. 34) e neste trabalho na Fig. 2 F, n.º 16.

Ota (Alenquer) – BARBOSA (1954, Fot. 10) apresenta exemplar com o corpo cónico inferior quase completo. Peça apresentada em SPINDLER (1981, Abb. 34) e reproduzida na Fig. 2 F, n.º 6.

Rotura (Setúbal) – nas escavações antigas realizadas neste povoado calcolítico estremenho, por iniciativa de Carlos Ribeiro, recolheram-se pelo menos dois exemplares idênticos aos de Leceia (Figs. 2D e 2E), um deles representado por SIMÕES (1878, Fig. 27) o outro referido por COSTA (1903, p. 139). As explorações dirigidas por Marques da Costa conduziram à obtenção de, pelo menos, dois outros exemplares, que figura (COSTA, 1903, Figs. 69 e 70). Em ulteriores escavações conduzidas por GONÇALVES (1971, p. 81 e Est. XIX), obtiveram-se mais três exemplares, por ele publicados, todos incompletos. Dos, pelo menos, sete exemplares exumados nesta estação, seis encontram-se reproduzidos por SPINDLER (1981, Abb. 34) e neste trabalho na Fig. 2 F, n.ºs 7 a 12. As Figs. 2D e 2E são inéditas (desenhos do século XIX).

3.2 – Necrópoles

Grutas do Poço Velho (Cascais) – nas escavações efectuadas nestas grutas naturais da área urbana da cidade de Cascais, por iniciativa de Carlos Ribeiro, recolheram-se quatro artefactos ósseos, de secção circular, afilados em ambas as extremidades e com depressão mesial, ao longo do diâmetro máximo. Não se confundem, pois, por estes caracteres, com os exemplares de Leceia, os quais possuem, como característica constante, dois volumes cónicos dissimétricos, um deles atribuível à “ponta” (em geral mais curto e volumoso) e outro ao “espigão” (em geral mais estreito e afilado). Por este motivo nos dispensamos de tecer outras considerações sobre eles.

Os exemplares das grutas de Cascais foram reproduzidos por PAÇO (1941, Est. XXI, a-e); um deles, tinha sido anteriormente publicado por CARTAILHAC (1886, Fig. 126). Poderão considerar-se sob reserva, como anzóis.

Gruta I de São Pedro do Estoril (Cascais) – nesta gruta artificial, em parte já destruída antes da sua identificação e exploração, recolheu-se o único exemplar inteiro deste tipo de artefactos. É constituído, tal como os anteriores, por dois volumes cónicos, sendo o inferior, mais estreito e curto, separado do superior por carena (LEISNER *et al.*, 1964, Est. E e Est. XIV, n.º 74; LEISNER, 1965, Tf. 87, n.º 57).

O levantamento a que procedemos conduziu, desta forma, à identificação de apenas um exemplar completo – não ocasionalmente proveniente de um contexto sepulcral – e de dezanove fragmentados, todos eles recolhidos em povoados e necrópoles calcolíticos da área estremenha.

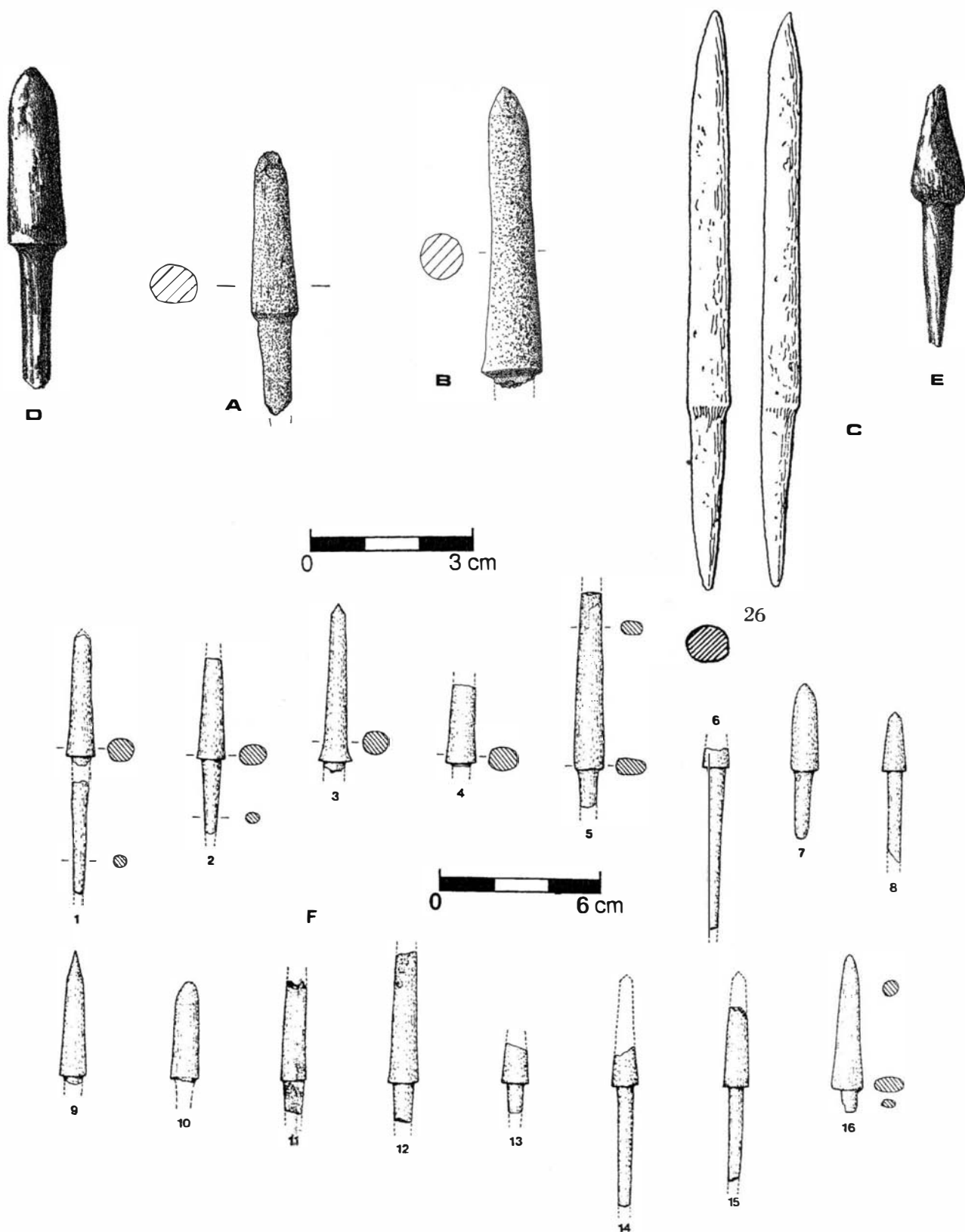


Fig. 2 – Possíveis pontas de seta calcólicas de osso de povoados estremenhos. A e B - Leceia (Lc/86, S. II, C2 e Lc/94, a Oeste de MM1, C2); C - gruta I de São Pedro do Estoril (RIBEIRO *et al.*, 1964); D e E - Rotura (desenhos inéditos do século XIX); F - 1 a 5 da Fórnea (Torres Vedras); 6 - da Ota (Alenquer); 7 a 12 - da Rotura (Setúbal), o n.º 7 é o mesmo ex. de D; 13 a 15 - de Vila Nova de São Pedro (Azambuja); 16 - do Zambujal (Torres Vedras) (SPINDLER, 1981, Abb. 34).

4 – DISCUSSÃO

A atribuição funcional de tais artefactos, não obstante a sua marcada homogeneidade morfológica, é tão díspar quantos os autores que sobre o assunto escreveram. Seguindo a sequência cronológica das respectivas observações, foram as seguintes as atribuições propostas:

– furador – Segundo SIMÕES (1878, p. 51), “deveria ter um fim certo e determinado um instrumento (...) de osso, apparecido na Fonte da Ruptura, em Setúbal, e que não consta haver-se encontrado n’outras partes. É um osso macisso de forma cylindrica, adelgado em metade do seu comprimento para se introduzir n’outro osso vasado, cuja capacidade interior corresponde àquella parte menos grossa do cylindro macisso.

O sr. Pereira da Costa julga que este instrumento servia para abrir furos em pelles. Collocadas as pelles sobre o orificio superior do cylindro vasado, facilmente se atravessariam pela parte mais delgada do cylindro macisso. Seria este ou outro o uso de tão singular objecto? Ninguém saberá dizer hoje com certeza. Acharam-se na fonte da Ruptura dois d’estes furadores. Chame-se-lhes assim interinamente” (*op. cit.*, p. 50). A referida utilização, é igualmente defendida por COSTA (1903, p. 145), ao discutir dois exemplares, por ele exumados, também na Rotura.

– alfinete – Foi esta a função atribuída aos dois exemplares de Vila Nova de S. Pedro por PAÇO (1960, Fig. 3, n.ºs 16 e 17), acrescentando que estes, comparativamente aos demais, “são mais espessos e terminam superiormente por uma cabeça cónica bastante alongada”.

– sovela – Ao único artefacto intacto deste tipo até ao presente publicado da Gruta I de S. Pedro do Estoril foi-lhe reportada esta finalidade (LEISNER *et al.*, 1964, Est. E. n.º 26 e Est. XIV, n.º 74). É descrito como “sovela, trabalho fino, polido. Na altura de 8 cm o cabo é adelgado por uma reentrância oblíqua. Segue a ponta com 3,5 cm de comprimento. Diâm. máx., 0,85 cm”. Verifica-se que, no conjunto, o objecto atinge o comprimento total de 11,5 cm, possuindo o volume cónico superior mais 3 cm que o de Leceia (Fig. 2, C), não obstante o diâmetro máximo ser idêntico em ambas. Terá sido, justamente, o marcado alongamento do exemplar de S. Pedro do Estoril o carácter que esteve na origem de designação adoptada pelos autores da descoberta, seguida também por GONÇALVES (1971, p. 81; 1995, p. 307; 1995, p. 307).

– pontas de seta ou de dardo – no último trabalho onde se discute a funcionalidade deste tipo de artefactos atribui-se-lhes uso diferente do proposto pelos autores anteriores: “Man könnte sic sich als Bewehrung von Pfeilen oder leichten Lanzenspitzen vorstellen, die eine spezialisierte Jagdwaffe bildeten” (SPINDLER, 1981, p. 90). Esta hipótese, de corresponderem a pontas de arremesso para actividades venatórias especializadas está de acordo com as conclusões de outro trabalho, saído na mesma altura (PAPE, 1982); trata-se de uma síntese, a escala de toda a Europa, sobre a tipologia de pontas de seta ósseas, do Calcolítico à Idade do Ferro.

O autor considera oito tipos distintos, agrupados em duas categorias mais gerais, as pontas de seta fusiformes e as pontas de seta com barbelas (ailerons), concluindo que “Les pointes de flèches en os fuséiformes représentent une relation géographique et chronologique supplémentaire entre les nombreux groupes régionaux de l’époque chalcolithique et mériteraient, de ce fait, de retenir un peu plus notre attention” (p. 160).

Sendo conhecida a eficácia de pontas de seta de osso, como W. Pape bem salienta (p. 160), existindo documentos que atestam a sua utilização, em época histórica, por Hunos e Mongóis (p. 157), e sendo o osso uma matéria-prima intensamente utilizada no nosso país, no decurso do Neolítico e Calcolítico para o fabrico de uma diversificada panóplia instrumental, estariam reunidas as premissas para que, também em Portugal, e à semelhança doutros domínios geográficos da Europa Ocidental e Central, estivessem representados artefactos do tipo dos inventariados por aquele autor.

Considerando os dois artefactos de Leceia, é nítida a sua inclusão no Grupo E da tipologia de W. Pape, ao qual pertencem igualmente os restantes exemplares até ao presente inventariados em Portugal.

Trata-se da forma de ponta cónica ou de secção quadrangular, encontrando-se o estreitamento para a haste da seta marcada por corpo destacado, separado por aresta viva.

Este grupo mostra dispersão geográfica do Norte de Espanha à Polónia, com duas concentrações, no Norte de Itália e na Suíça. Tais concentrações podem dever-se, tão-somente, a maior intensidade de pesquisa arqueológica, conjugada com factores geoquímicos propícios à conservação de materiais ósseos.

A distribuição geográfica referida não pressupõe qualquer teoria difusionista que seja suportada por outras evidências da cultura material mais concludentes. Seria simples fenómeno de recorrência, ditado pela funcionalidade de tais artefactos. Com efeito, é nítida a diacronia adrede este grupo tipológico.

Na Península Ibérica, um exemplar de Reus provém de um contexto campani-

forme (*op. cit.*, p. 145) enquanto que outro, de Fort-Harrouard, integrar-se-á na Idade do Bronze. Outras ocorrências podem situar-se do Bronze antigo ao Bronze final e até, na I Idade do Ferro. Em Borja, Aragão, foram recolhidos diversos exemplares deste tipo, do início da Idade do Bronze, de 2300-1500 AC (HARRISON & LOPEZ, s/d.)

As peças calcolíticas estão apenas presentes em Espanha e na Suíça, parecendo que, à medida que se progride para leste, isto é, para a Europa Central e Oriental, se tornam progressivamente mais modernas (PAPE, 1982, p. 145, 146).

Tal hipótese, apenas sugerida pelo autor dada a grande quantidade de ocorrências sem idade seguramente conhecida, quadra-se bem com a cronologia das peças portuguesas. Com efeito, todas elas pertencem ao Calcolítico, e apenas a um único grupo tipológico.

5 – CONCLUSÕES

Este trabalho conduziu aos seguintes resultados:

1 – Estudou-se um tipo de artefacto ósseo, escasso em contextos pré-históricos portugueses de idade invariavelmente calcolítica (quando é susceptível de definição).

2 – O carácter marcadamente funcional e ligado ao quotidiano de tais peças é demonstrado pelo facto de, em vinte ocorrências registadas, dezanove correspondem a povoados, encontrando-se todos fragmentados, enquanto que o único recolhido em contexto sepulcral se apresenta intacto.

3 – Não obstante a sua constância morfológica – indiciando uso especializado e bem diferenciado – tal artefacto tem suscitado opiniões desencontradas acerca da sua respectiva funcionalidade (furadores, alfinetes, sovelas, etc.).

4 – A hipótese mais recente faz corresponder a tais peças a função de pontas de seta especializadas para a caça. Esta hipótese encontra-se reforçada por estudo de conjunto de pontas ósseas, à escala europeia.

5 – A funcionalidade e eficiência de pontas de seta ósseas encontra-se amplamente demonstrada pelo registo arqueológico, tendo o seu uso atingido os tempos históricos. Tais factos só reforçam a atribuição proposta, no caso pertencentes ao Calcolítico peninsular, época em que o trabalho do osso era frequente, conduzindo ao fabrico de variados e numerosos artefactos. Também a quase exclusividade deste

tipo de peças em contextos habitacionais, quase exclui outras possibilidades, designadamente a de pertencerem a alfinetes, cuja ocorrência em necrópoles é frequente, mas excepcional naqueles contextos.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, E. (1956) – O castro da Ota (Alenquer). *O Arqueólogo Português*, S. II, 3, p. 117-124.
- COSTA, A.I. Marques da (1903) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Objectos encontrados no Castro da Rotura. *O Arqueólogo Português*, 8, p. 137-148.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O Castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal, 196 p.
- GONÇALVES, V. S. (1995) – *Sítios, “horizontes” e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais, 308 p.
- HARRISON, R.J. & LÓPEZ, G.M. (s/d) – Discovering Bronze Age Spain. Excavation report, *Minerva*, p. 14-16.
- LEISNER V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Tafeln. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa, 78 p.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 22, p. 45-84.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*, 11, p. 105-117.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1942, 1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3.^a, 4.^a e 5.^a campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 275-305. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- PAPE, W. (1982) – Au sujet de quelques points de flèches en os. In *L'industrie en os et bois de cervidé durant le Néolithique et l'âge des métaux* (G. Camps-Fabrer, ed.). CNRS, Paris, p. 135-172.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1965) – Grabungen in der Kupferzeitlichen Befestigung von Zambujal / Portugal 1964. *Madridrer Mitteilungen*, 6, p. 39-63.
- SIMÕES, A.F. (1879) – *Introdução à Archeologia da Península Ibérica*. Livraria Ferreira, Lisboa, 177 p.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura. die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz am Rhein, 290 p.